

*When I was young I used to wait,  
On massa and give him his plate,  
And pass the bottle when he got dry  
And brush away the blue-tail fly.*

*Chorus:*

*Jimmy crack corn and I don't care,  
Jimmy crack corn and I don't care,  
Jimmy crack corn and I don't care,  
My massa's gone away.*

*And when he'd ride in the afternoon,  
I'd follow after with a hickory broom,  
The pony being rather shy,  
When bitten by a blue-tail fly.*

*Chorus:*

*One day he ride round the farm,  
The flies so numerous they did swarm,  
One chanced to bite him on the thigh -  
The devil take the blue-tail fly!*

*Chorus:*

*The pony run, he jump, he pitch  
He threw my massa in the ditch;  
He died and the jury wondered why -  
The verdict was the blue-tail fly!*

*Chorus:*

*They lay him under a 'simmon tree  
His epitaph is there to see –  
' Beneath this stone I'm forced to lie –  
Victim of the blue-tail fly!*

*Chorus*

Uma autêntica canção do folclore negro americano, interpretada por  
menestréis (cerca de 1840)<sup>1</sup>.

# 1

«Hoje é o grande dia!» — foi o primeiro pensamento de Ellen ao acordar. Encantada pela cadência das palavras, repetiu-as, desta vez em voz alta, destacando bem o artigo: «Hoje é o grande dia!». Inspirou fundo, esticou os braços para o tecto verde-claro, tendões retesados até fazer estalar as articulações. A clara luz matinal inundava o pequeno quarto imaculado com manchas de sol, como salpicos de nata projectados por uma batedeira. Riu-se com esta imagem, divertida pela frescura e pela ingenuidade da sua memória. Quando se esquecera de alguma coisa? Só vira uma batedeira uma vez, uma única — naquele primeiro mês depois de se casar, quando partira com Basil para uma quinta de Vermont e descobrira a espessa nata amarela, a curiosa manteiga esbranquiçada, de tão deliciosa espuma. Não, não havia dúvida: sentia-se bem outra vez, senão essa imagem não lhe teria acudido à cabeça! Era tão apropriada — o sol, ao aflorar suavemente as paredes verdes parecia nata a transformar-se em manteiga. De facto, sentia-se tão feliz agora como nesse mês, mês incrivelmente idílico, quando ela e Basil tinham acabado de casar. A sua disposição, o sol, a manteiga, tudo convergia, tudo formava uma única peça. Deixou cair as mãos bruscamente e, num suspiro de inefável felicidade, esvaziou os pulmões, expelindo o ar que guardara preciosamente, como se tivesse retido nela a perfeição do momento. Depois, mexendo-se com leveza, apesar da dureza das molas do colchão, afastou os cobertores e saltou da cama. «Hoje volto para casa!»

Basil viria buscá-la. Séria e grave, pegar-lhe-ia no braço e, juntos, atravessariam o corredor. Ficaria perto dele, enquanto Martha — ou seria Mary? — abriria a porta, mas, desta vez, não se agarraria ao braço do marido, os seus dedos não apertariam o *tweed* rugoso da manga

do seu casaco. Desta vez, não seria obrigada a parar à entrada, não teria de ficar ali, desamparada, enquanto Basil lhe beijava a face, a testa e, depois, com um cuidado que não revelara até aí, a boca. Não teria de sorrir, nem de dizer uma banalidade amável a Martha — às vezes era Mary — enquanto ele passava rapidamente pela porta e descia para o vestíbulo pela ruidosa escada de ferro à prova de fogo. Não teria de voltar para trás e percorrer o corredor até ao seu quarto, semelhante a todos os outros, apesar dos cortinados monacais e das partituras de Bach e Handel, Rameau e Couperin, Haydn e Mozart, pousadas na pequena estante que pedira a Basil e que ele lhe trouxera da cidade. Hoje, não! Não, não voltaria a sentar-se de costas para a janela para não o ver atravessar o pavimento de lajes à entrada da clínica, acompanhado pelo dr. Danzer, pondo à sua frente o livrete de capa mole do seu Bach preferido, aberto na primeira página, as notas afluindo-lhe em massa aos olhos, os dedos começando a pantomimar a interpretação do primeiro trinado, a cabeça batendo o ritmo, apoiando a nota mais elevada, apreciando infalivelmente a última, nem um segundo antes nem um segundo depois, ressuscitando mais uma vez nos seus ouvidos o som, a dignidade calma da sarabanda de Ana Madalena, um delicado ornamento para a sua melancolia.

«Hoje volto para casa!» — repetiu mais uma vez a meia voz, rindo sob a sua respiração, escovando energicamente os cabelos louros até lhes dar espessura e brilho. Vestiu-se depressa, serenamente, sem hesitar quanto à roupa que devia escolher, o vestido verde-floresta, os sapatos castanhos com laços, o chapéu de pluma que não apreciava particularmente, mas que Basil escolhera e lhe oferecera com tanto orgulho. Evidentemente, não tinha muito por onde escolher, ou melhor, já escolhera há meses, quando pensara pela primeira vez no que aconteceria neste dia. Escolhera tudo, excepto, é verdade, o chapéu; optara por outro modelo, um tanto masculino, que lhe assentava melhor e mais condicente com as circunstâncias. Mas, como fora este que Basil lhe trouxera, tinha de pô-lo, pois não queria desapontá-lo por nada deste mundo, isso não! A partir de agora, a felicidade de Basil vinha em primeiro lugar, era o seu *sine qua non*, ele bem o merecia. Que lhe teria acontecido sem Basil? Quem se ocupara dela, quem lhe falara, quem a chamara à razão quando estivera extremamente doente, quem a apoiara sem esmorecer? Basil. Quem viera todos os dias de visita, mesmo sabendo que era inútil, pois não o deixariam vê-la, depois de viajar de comboio até à cidade e tomar um autocarro até ao hospício?

Basil. E, da última vez que viera, depois de ter recebido a autorização, trouxera-lhe o chapéu. Um chapéu ridículo, extravagante, com aquela pluma que não significava nada, o tipo de coisa que as mulheres compram quando estão apaixonadas e os homens quando entram, de ar embaraçado, numa loja em que acabam por dizer, tartamudeando: «Procuro um chapéu». Segue-se, inevitavelmente, a escolha errada, acompanhada pelo eterno comentário da vendedora: «A senhora vai achá-lo muito chique» — as mesmas palavras de embaraço, o mesmo gesto de vergonha para pegar no porta-moedas ou na carteira, o mesmo mal-estar quando, mais tarde, se volta a pensar na cena, admitindo, ou não, ter sido enganado. Mas, afinal, que importava? Que importância tinha, mesmo que este dia parecesse reclamar um chapéu mais sério, mais sóbrio? Basil trouxera-lhe aquela coisa ridícula e isso não era mais importante do que qualquer preconceito feminino? Oh, era melhor não pensar mais no caso — ia pô-lo, e com prazer, pois amava Basil e ia voltar para casa com ele. Era tudo o que contava e era maravilhoso.

Quando acabou de se vestir, depois de ter feito, com dificuldade e pela última vez, a cama sobrelevada do hospício, olhou para o relógio e viu que tinham passado poucos minutos das seis. O pequeno-almoço não seria servido antes da sete e o médico não passaria antes das oito; mesmo que Basil tivesse tomado o comboio na tarde anterior, como prometera, e passado a noite num hotel da cidade vizinha, dificilmente poderia chegar ao hospício antes das nove. Dispunha, no mínimo, de três horas para fazer as malas, arrumar as roupas, os livros, as partituras, despedir-se de Mary e Martha, agradecer ao dr. Danzer por tudo o que ele fizera por ela — três horas, no mínimo, para as despedidas. Seria longo, agora parecia-lhe interminável, mas, no fundo, seria mesmo suficiente? O que são três horas em dois anos, sobretudo quando essas horas estão carregadas com o fardo maciço de todo aquele tempo, transformando cada momento do intervalo presente num peso sem significado? Das seis às nove teria perfeita consciência da passagem de cada segundo e teria, seguramente, de reviver cada instante das noites e dos dias desses dois anos que conhecera intimamente e que agora chegavam ao fim. Mas — olhou pela janela, viu o relvado verde, a curva do pavimento de lajes, os olmos que ladeavam o alto muro de pedra, o portão de ferro forjado e o cubo de tijolos, a guari-